

O GLOBO

Após polarização de 2018, eleitor evita confrontos nas redes sociais

MARLEN COUTO 01 NOVEMBRO 2023 | 3min de leitura



Carlos Oliveira no Whatsapp: depois de sair do grupo da família, ele reatou com quem tinha cortado relações | Guito Moreto

O país vivia a polarização entre o então candidato do PSL Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, do PT, nas eleições presidenciais de 2018, quando o publicitário Carlos Oliveira decidiu se afastar de parentes com posições políticas divergentes à dele e mais alinhadas ao bolsonarismo. Na prática, o rompimento começou pela saída do grupo de WhatsApp da família. Dois anos depois de se engajar intensamente na disputa que terminou com Bolsonaro eleito, porém, o cenário é inverso: Oliveira não só tem buscado se reaproximar dos parentes com os quais havia cortado relações, retornando ao grupo de troca de mensagens, como também decidiu não se mobilizar mais com eleição, agora para definir prefeitos e vereadores.

— Escolhi ter uma posição mais passiva. Não mando nada no WhatsApp nem compartilho nas redes. Por conta das brigas, da indisposição para o diálogo, prefiro ficar menos ativo — explica o publicitário morador da Tijuca, no Rio.

A opção de Oliveira não é isolada, mas uma tendência no país identificada por pesquisadores do Laboratório de Tecnologia, Política e Conhecimento da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Batizado de “Nova Política?”, o estudo desenvolvido no laboratório ouviu na segunda quinzena de outubro dezenas de eleitores de diferentes idades e regiões do país divididos em grupos focais, método que funciona a partir do debate entre os participantes. A conclusão é que a intensa polarização de 2018 deu lugar a uma baixa ansiedade agora, o que tem levado à maior cautela no compartilhamento de mensagens sobre a disputa.

— O motivo é que as pessoas saíram emocionalmente cansadas da eleição de 2018, perderam amigos, romperam relações dentro da família. Em 2020, pessoas de diferentes perfis, de diferentes regiões do país, ressentem-se disso. Ao mesmo tempo, as eleições municipais são menos apaixonantes, os temas são mais locais, e as pessoas estão mais céticas em relação ao que recebem. A gente não sabe o quanto disso é dormência e está pronto para ser reativado eventualmente no segundo turno — pondera o cientista político e professor da Unifesp Rogerio Schlegel, responsável pela pesquisa.

Foi justamente o estresse emocional a razão pela qual a jornalista Ana Carolina Gomes decidiu não acompanhar estas eleições. Em 2018, ela fazia postagens frequentes sobre a disputa presidencial e entrava em discussões acaloradas nas redes. A divergência foi tão intensa que ela chegou a excluir e bloquear perfis de amigos e parentes com posições políticas que classifica como “extremas”.

— Não quero passar de novo pelo que passei em 2018. Estou considerando anular o voto porque não tenho qualquer perspectiva política. Para me preservar, optei por não procurar (informações sobre as eleições).

Além do desgaste com o embate político, outro ponto identificado pelos pesquisadores da Unifesp é a rejeição aos assuntos abordados pelas

campanhas. Eleitores relataram que têm evitado, inclusive, ver propagandas políticas.

— Eles queriam que as campanhas estivessem falando mais da gestão da cidade. As que ainda tentam surfar em questões mais ideológicas, no bolsonarismo, estão cansando esses eleitores — acrescenta Amanda Freitas, também pesquisadora do laboratório.

A falta de mobilização em torno do pleito municipal é refletida no Twitter. Nos últimos 45 dias, não teve uma data sequer que a pauta principal da rede foi relacionada a algum candidato, afirma Pedro Bruzzi, da consultoria Arquimedes, especializada no monitoramento das plataformas digitais. Ele lembrou que outros assuntos como as eleições americanas e a discussão sobre a vacina ofuscaram as eleições municipais nas redes.

Grupos desidratados

Professor da Universidade da Virgínia, David Nemer tem notado outro movimento que pode refletir o cansaço com discursos mais inflamados. Ele monitora grupos bolsonaristas no WhatsApp que costumam compartilhar mensagens mais radicais e tem notado um encolhimento dessas comunidades:

— Os grupos estão menores do que em 2018. Eles atingiam a capacidade, com 180 ou 150 pessoas, em média; agora dificilmente se acha grupos com esse número, varia entre 60 e 40 participantes.